

UNIÃO FENOMENOLÓGICA NA FORMAÇÃO DE NOVOS CONCEITOS FENOMENAIS ATRAVÉS DOS ARQUIVOS PERCEPTIVOS, RELEVÂNCIA, VÍNCULOS CAUSAIS E QUALIAS NA COESÃO FÍSICO FENOMENAL DE EMPREGABILIDADE NAS EXPERIÊNCIAS PRESENCIADAS

PHENOMENOLOGICAL UNION IN THE FORMATION OF NEW PHENOMENAL CONCEPTS THROUGH PERCEPTIVE FILES, RELEVANCE, CAUSAL LINKS AND QUALIAS IN THE PHENOMENAL PHYSICAL COHESION OF EMPLOYABILITY IN THE EXPERIENCES WITNESSED

Jadir Jefferson¹

Resumo: O presente estudo descreve a possibilidade das leis de “unificação fenomenais” atuarem sobre uma variedade de fenômenos adquiridos durante as experiências vivenciadas ao longo do tempo, capazes de gerar um novo conceito fenomenal através dos arquivos mantidos em fluxo latente no armazenamento perceptivo ao serem expostos aos processos de unificação fenomenológico por um sentido de referência. Tais referências assumiriam uma força de relevância através de uma correspondência com os conteúdos da ligações de propriedade, pelos vínculos causais e conhecimentos substanciais que fazem parte das características do objeto na experiência. Além disso, o sentido da força de relevância podem ser conduzidas por uma rede de sensações experienciadas ou qualias integradas ao contexto das experiências relacionadas que são fundamentais para a formação do novo significado fenomenal. Assim, questionamos se os novos conceitos fenomenológicos estabeleceria uma coesão físico-fenomenal com os outros conceitos fenomenais e seus vínculos causais que estão

¹ Bacharel Nutrição: Licenciatura Filosofia: Universidade de Ribeirão Preto. Universidade Uniderp Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Pós graduação Lato Sensu Nutrigenômica e Nutrigenética na prática clínica Faculdade Unyead

no mesmo contexto da experiência, mesmo sem um conhecimento a priori da empregabilidade desse novo conceito.

Palavras chave: Unificação fenomenológica, vínculos causais, qualias, conceitos fenomenais

Abstract: The present study describes the possibility of “phenomenal unification” laws acting on a variety of phenomena acquired during experiences lived over time, capable of generating a new phenomenal concept through the files maintained in latent flow in the perceptive storage when exposed to the phenomenological unification processes by a sense of reference. Such references would assume a force of relevance through a correspondence with the contents of the property links, by the causal links and substantial knowledge that are part of the characteristics of the object in the experience. In addition, the sense of the force of relevance can be driven by a network of experienced sensations or qualia integrated into the context of related experiences that are fundamental for the formation of the new phenomenal meaning. Thus, we question whether the new phenomenological concepts would establish a physical-phenomenal cohesion with the other phenomenal concepts and their causal links that are in the same context of experience, even without a priori knowledge of the employability of this new concept.

Keywords: phenomenal unification, causal links, qualia, phenomenal concepts

A fenomenologia é o estudo dos “fenômenos” que aparecem à consciência, daquilo que é “dado” e demarca o reconhecimento de um “nexo de horizontes”, ambiguidades e diferenças. Essa presença é estruturada por uma série de relações fundamentadas em aspectos do mundo físico, como as relações de ligação, de propriedade, relações espaciais e relações temporais, acrescentando uma compreensão daquilo que intrinsecamente caracteriza as percepções, julgamentos, sentimentos, decisões, etc. (Gallagher e Zahavi, 2020; Lyotard, 1991; Cimino, 2018)

Edmund Husserl (1859–1938), ao fundar e trazer os primeiros estudos sobre a fenomenologia, descreve como “as coisas em si” o modo como o mundo passa a ser experimentado dentro das várias situações que são significativas para todas as ações e tentativas de obter conhecimento. As experiências significativas que compõe esses contextos foram descritas por Husserl como “horizontes externos” e possuem as suas relações de implicação mútua com o curso da vida ou senso do mundo, também chamada por ele de “atitude natural” (Husserl, 1950/1964, 1983).

Esse senso do mundo estabelece uma base de fundo ou uma relação de referência para a compreensão da experiência de realidade vivenciada, formando a estrutura que impacta o direcionamento das decisões e escolhas ao mesmo tempo que aplica uma força de reorganização nos conhecimentos já presenciados.

Nesse sentido, seguimos a proposta de alguns autores (Sokolowski, 2000; Perry, 2001) em observar as questões fenomenológicas unidas na experiência e sua relação com a percepção nas formas mais complicadas de consciência, como memória, imaginação e intelecção.

Para o idealismo o mundo material é dependente de uma estrutura fenomenológica capaz de “tecer” significados das experiências sensoriais de cores, formas, sons, cheiros, tamanhos e etc, unificadas na relação de unidade de consciência (Chappell, 2018).

A unidade da consciência aborda todas as experiências em uma única realidade, e assim, para o idealismo, as relações que estruturam a realidade são relações fenomenais. Em Balog (2012) as experiências fenomenais são constituintes dos conceitos fenomenais e os conceitos fenomenais carregam consigo a fenomenologia da experiência. Desse modo, o conhecimento está ligado a esses conceitos que oferece a visão da essência na experiência fenomenal.

A teoria da percepção e imaginação descrevem essas experiências da realidade ligadas por “leis de unificação fenomenal”. Elas possibilitariam a união da realidade física e a mente do observador, gerando fenomenologia que, em algum sentido, reflete o mundo (Chappell, 2024).

As percepções e imaginações são partes das experiências fenomenais e da natureza metafísica. No caso da percepção, elas precisam lidar com os próprios aspectos do mundo material e, ao mesmo

tempo, estão relacionadas pela unidade da consciência. Para O’Callaghan (2019), a percepção integra intimamente o conhecimento do sujeito humano com o ambiente. Em Noë (2001), a consciência perceptiva possui um envolvimento significativo com o ambiente que nos torna prontos e capazes para adquirir informações conforme a necessidade surge.

A forma como a imaginação atua nas experiências fenomenais são distintas da realidade. Considerada como experiências “sui generis” ou geradas pela própria mente. Eles também estão fenomenalmente unificados com os estados mentais conscientes que possibilitam captar os dados da experiência do mundo físico.

Nos dois casos, as relações externas entre o objeto e o resto da realidade é o que diferencia as percepções e a imaginação. Essas relações externas torna possível o conhecimento da experiência que precisa manter uma “ligação de propriedade” com certos aspectos da realidade de modo que eles se apresentam como objetos em expansão. Essa expansão torna possível incorporar parte da fenomenologia que compreende a realidade.

Nesse sentido, se os idealistas podem oferecer uma visão unificada do conhecimento que explica tanto o conhecimento introspectivo quanto o conhecimento perceptual, seria possível que esses processos atuassem em uma ampla quantidade de fenômenos obtidos em contextos e experiências presenciadas? Fenômenos que seriam armazenados e mantidos sob um fluxo perceptivo dependentes de um estado de relevância que os conecta por uma essência central, fazendo com que um novo fenômeno conceitual resulte dessa unificação e esteja integrado ao contexto da experiência real.

Os conceitos que resultam da união fenomenológica podem ocorrer por meio de uma expansão das ligações de propriedades, mantendo consigo o que pertence aos aspectos mais centrais da coisa, seu significado fenomenal, ao mesmo tempo que busca alcançar uma maior clareza e coerência com os outros aspectos da experiência presenciada.

Os fenômenos que podem servir de base para esses processos seriam mantidos em um tipo de armazenamento semelhante ao que foi indicado em Perry (2001). Nessa perspectiva, para que um conceito fenomenal possa ser formado é preciso que o fenômeno preencha um arquivo perceptivo e se

vincule a uma noção separada.

No atual estudo, sugerimos que uma variedade de fenômenos possam estar em fluxo latente no armazenamento perceptivo e que eles são levados aos processos de unificação fenomenológico por meio de um sentido de referência, transferindo os fenômenos em estado de latência no armazenamento perceptivo para os conceitos de nível superior.

Seguindo essa proposta, o armazenamento perceptivo receberia os fenômenos que tem uma relação de “insuficiência” com o aparato perceptivo, e assim fornecem um fraco reconhecimento do conteúdo experienciado. Essa insuficiência pode gerar fenômenos que não seriam registrados no estrutura perceptível de modo relevante, sendo colocados temporariamente no que Perry chamou de “buffer perceptual”. Esse armazenamento ocorreria em um nível inferior ou inconsciente que também refere-se ao que Chappell (2017) descreveu como “arquivo constituído”.

O reservatório de baixo nível temporário seria responsável por manter os vários tipos de fenômenos “insuficientes” até que possam ser anexados a um conceito no nível superior, que são aqueles elaborados de modo consciente.

Alguns autores (Carruthers, 1996; Rosenthal, 1986; Lycan, 1987) indicam a existência de uma diferença entre estados mentais conscientes e não conscientes que ocorrem por uma condição de presença ou ausência de relevância. O sentido de consciência que abordamos aqui faz referência a uma “consciência fenomenal” de baixo nível e de nível superior.

Os conceitos presenciados no nível superior seriam relacionados no arquivo perceptivo por relevância através de uma correspondência com o conteúdo da ligação de propriedade, dos vínculos causais e conhecimentos substanciais que fazem parte das características do objeto na experiência, na aprendizagem didática e na sua relação com outros fenômenos. Eles estabeleceriam alguma relevância para o processo de unificação no novo conceito fenomenal.

No entanto, ainda existe uma condição fundamental para que todo esse processo esteja em relação com a formação do novo conceito fenomenal, Tal condição refere-se a uma rede de sensações experienciadas ou qualias. Elas podem ser as condutoras que apontam os critérios de relevância para

as leis de unificação fenomenológica e sua relação com os conteúdos dos fenômenos armazenados em níveis inferiores. As qualias podem estabelecer algum tipo de tensão e coesão físico-fenomenal, levando a junção de fenômenos que estavam incongruentes a se unirem para criar um novo significado, oferecendo conteúdo para insights racionais que vão além da mera presença de uma antiga lembrança de fatos.

Com base nessa conjectura, seria possível que as leis de unificação fenomenológica atue em vários fenômenos arquivados em um fluxo de baixo nível perceptual, unificando esses fenômenos através de uma essência central a um novo conceitos fenomenológicos que abrange uma perspectiva que completa a experiência da realidade através das suas relações de implicações mútuas com os “horizontes externos”, mesmo sem um conhecimento a priori de sua empregabilidade?

Para exemplificar esse modelo, temos como base de suposição o exemplo do caso da Mary no argumento do conhecimento em (Jackson 1982). Durante toda a vida de Mary, ela teve acesso as informações sobre as cores, a física e neurologia. Porém, foi criada desde o nascimento em um quarto preto e branco e a única forma dela obter essas informações que preenchiam seu conhecimento substancial era por meio de livros didáticos e computadores com todo seu conteúdo mantidos em preto e branco. Assim, ela conheceu todos os fatos físicos gerais sobre o processamento da visão, da luz e cores mesmo ficando impossibilitada durante a vida de ter qualquer experiência com outras cores no mundo físico.

Imagine agora que a cor vermelho é apresentada a Mary pela primeira vez. Ela tem acesso ao novo conceito fenomenal de como é essa nova experiência e registra o conceito vermelho do mundo físico em seu arquivo perceptivo. Além disso, o vermelho fenomenal também começa a fazer parte do seu repertório imaginativo e se torna disponível às leis de unificação fenomenológica.

Apesar da Mary possuir seu repertorio de conhecimento substancial adquirido nos livros e computadores durante sua vida de reclusa, a recém descoberta do vermelho fenomenal ainda é carente de uma parte considerável de ligações de propriedade e com outros conceitos que se relacionam nas experiências reais. Tal condição também é limitadora para uma maior conectividade com o vínculo

causal dessa rede de conceitos fenomenais na experiência.

Suponha que esse estudo continua e Mary consegue um passe livre para deixar tanto seu quarto preto e branco, como também, ter acesso a livros e computadores sem restrições de cor. Com a sua experiência recente de vermelho descoberta no mundo físico somada ao conteúdo apreendido nos livros, ela sai do quarto e passa a circular pelo prédio do laboratório abertamente. Os pesquisadores incluem imagens, quadros, objetos e computadores com uma específica linha de relações de propriedades e vínculos causais, espalhados pelos locais que a Mary pode circular. Durante todo o tempo ela fica exposta a uma variedade de conceitos que se entrelaçam com uma série de significados fenomenais associados a cor vermelha.

Por exemplo, em um dos corredores do prédio, Mary se depara com uma foto na parede de uma bela moça com vestido vermelho recebendo uma rosa vermelha da mão de um homem. Logo adiante, ela vê mais dois quadros com objetos, no primeiro tem uma garrafa de vinho tinto e uma caixa com chocolates finos envolvidos por um laço contendo a palavra sedução em vermelho, no segundo quadro um carro esportivo vermelho sendo apreciado por pessoas em um salão automobilístico.

Depois disso, Mary senta na frente de um computador e assiste algumas cenas com colares e anéis de rubis em demonstração. O vermelho reluz em cada joia nos movimentos sedutores que uma bela moça faz ao aparecer usando essas joias em um palco. Você pode ver como o brilho do vermelho intenso torna esse material valioso para esse propósito e faz o público desejar profundamente conectado pela necessidade de ter consigo sua presença.

Durante os próximos anos, Mary convive com experiências gratificantes do tipo que abrange mais conhecimentos ligados a comportamentos, estilos, tendências, costumes, aptidões, pesquisas e etc. Ela obtém uma variedade de conceitos e experiências que vão formando parte de seu imaginário perceptivo fenomenal ao mesmo tempo que mantém a essência das experiências da cor vermelha.

Podemos observar a relação dessa estrutura em formação pelos conteúdos experienciados através da perspectiva tratada na fenomenologia genética em Husserl, que aborda a questão do surgimento desses fenômenos e como alguns tipos de experiências tendem a influenciar e motivar

outras experiências. Elas formam um repertório de conteúdo experienciados e uma estrutura de significados culturais que gera um mundo de vida intersubjetivo que se expande nas experiências reais.

Essas interações com o conteúdo perceptivo e as motivações ou influência para outras experiências seguem um alinhamento da proposta do atual trabalho. Assim como também faz parte relevante da fenomenologia genética um modelo intencional que precede a síntese explícita e que serve de base para os pensamentos de decisões e formação de julgamentos. Esse modelo, Husserl chama de “síntese passiva”. A função da síntese passiva ocorre nos conteúdos perceptivos seguindo as “regras de associação” psicológicas, como proeminência perceptiva, semelhança, contraste e heterogeneidade.

Em Donohoe (2014), aponta o modo como a intersubjetividade de um indivíduo é formada através de camadas de experiências pessoais e culturais, conduzindo a compreensão e experiências do mundo. Por meio das experiências às “camadas” seriam sedimentadas e formam repertórios de significados que oferecem sentido ao mundo. Além disso, a sedimentação também podem ser herdadas das gerações anteriores e das próprias experiências vivenciadas e, nesse sentido, o que se aplica a fenomenologia genética, pode atuar com base em seus conteúdos internos sedimentados antes de uma ação consciente direcionada a análise ou reflexão no seu horizonte de experiência.

O papel associado das experiências passadas na fenomenologia também é descrita em Detmer (2013), que descreve um componente genético que se preocupa com as origens e que serve de apoio ao significado. Esse significado requer tempo para ser estruturado, assim como o horizonte de experiência também requer sua parte na evolução dos significados públicos, subjetivo e pessoal na vida psíquica de um indivíduo. Quanto mais ele encontra continuamente certos fenômenos ao longo da vida, mais a sua compreensão do significado dos fenômenos se torna mais profundo e enriquecido.

As experiências que Mary presencia segue fornecendo fenômenos em camadas por uma rede de casualidades que acrescentam mais base de conhecimento substancial, como também, servem de apoio para as ligações de propriedade e fornecem mais relevância de conectividade com um vínculo

causal que fazem parte da essência fenomenológica dos conceitos da experiência presenciadas.

Desse modo, Mary possui uma variedade de fenômenos registrados durante um longo período de tempo sedimentados em seus arquivos perceptivos. Precisaríamos saber agora, se esses conteúdos fenomenológicos no fluxo dos registros em níveis inferiores, poderão constituir certa relevância e conectividade para as leis de ligações fenomenais e seus vínculos causais, preservando uma essência inicial fenomenológica na formação de um novo fenômeno coerente com sua experiência da realidade.

Agora vamos supor que a Mary, após ter acesso a qualquer departamento de estudo no prédio do laboratório, ela tenha conhecido o setor de química que estava trabalhando em uma nova fragrância de perfume. Ao receber uma amostra da fragrância, sentiu uma interessante sensação de afinidade, atração, estima e conquista. Tal estado ativou algum nível de detecção relacionável com os fenômenos obtidos durante os anos com a sua experiência com a cor vermelha. Fenômenos arquivados em seu “buffer perceptual” ou “arquivo constitutivo” obtidos todas as vezes que ela andava pelos corredores da instituição e se deparava com imagens e cenas atribuídos a cor vermelha. Essas experiências físicas também geraram sensações registradas nos arquivos perceptuais de Mary como sedução, admiração, desejo, sofisticação, atração, fascínio e conquista, constituindo as qualias.

As qualias são essencialmente partes da experiência de um experimentador e pode servir como base constituinte mental de um sujeito (Chappell, 2019). Em Arıcı e Toy (2015), definem qualias a “como é estar em um estado”. Esses estados se referem a aspectos qualitativos do sujeito ou sensações subjetivas distintas indicadas por certos estados mentais, semelhante a vermelhidão da experiência vermelha.

As sensações que Mary experimentou durante anos em suas experiências com imagens e cenas relacionadas a cor vermelho formaram um reservatório com base no que O’Callaghan (2019) descreve sendo “Qualias multissensoriais” que, ao que tudo indica, se tornaram itens elegíveis e conectados às sensações experimentadas ao sentir a fragrância sedutora de um futuro perfume.

De acordo com Lewis (1995), as qualias são capazes de oferecer habilidades para reconhecer, julgar e imaginar experiências do mesmo tipo e diferenças. Elas também estão ligadas aos critérios de

prazer, aceitação, desgosto, etc, de uma experiência e podem ser apreendidos ao vivenciá-los.

Mesmo havendo uma distância perceptiva entre uma cor e um aroma, a relevância surge da relação do vínculo causal e de direcionamento com as experiências onde as qualias participam desse processo formando um elo de detecção elegível relacionável. No caso da Mary, a atração e o desejo foram representados de modo a estabelecer ligações com os fenômenos obtidos através das cenas e imagens (sedutoras) da cor vermelha.

Assim, é provável que as leis de unificação fenomenológicas, através dos dispositivos de vinculação, atuem com os fenômenos arquivados das experiências ao longo do tempo. Esse conteúdo fenomenológico pode ser recuperado e conduzido por certos tipos de qualias em um direcionamento de relevância com o vínculo causal. Consequentemente, esse processo possibilita uma estrutura de expansão do conceito fenomenológico que abrange o conteúdo dentro do escopo da experiência.

No entanto, seria possível que essa formação de um novo conceito fenomenal já possua um conhecimento a priori de sua empregabilidade, estabelecendo uma coesão físico-fenomenal com os outros conceitos fenomenais e seus vínculos causais que estão no mesmo contexto da experiência?

Abordamos essa questão por meio da diferença entre a análise conceitual a priori e a inspeção a posteriori de conceitos. Essa diferença ocorre na compreensão do conhecimento na sua inspeção que são diferentes dos conhecimentos adquiridos por meio do emprego deles (Chappell, 2017).

Se seguirmos esse padrão, os conhecimentos adquiridos por Mary, através da sua análise conceitual a priori, possui características distintas de quando esse conceito está empregado no contexto da experiência, que forneceria acesso ao conhecimento físico-fenomenal dos vínculos causais do novo fenômeno obtido no processo de unificação.

Os vínculos causais pertencem aos fenômenos mas eles assumem uma força de presença ou de certeza destacada nas conexões que esses fenômenos são obrigados a manter em sua empregabilidade no contexto de suas experiências. Uma força de implicação mútua que mantém certa tensão que molda o conhecimento de coerência entre os fatos e os conceitos por meio da relevância do fenômeno na linha que segue a própria experiência. Segundo Perry (2001), conhecemos as coisas pelas propriedades que

elas instanciam e pelas relações que elas mantêm com outras coisas. Em Bannon, (2016), observa a relevância de compreender a relação com o mundo e como os fenômenos surgem, abrindo espaço para novos fenômenos na experiência.

Digamos agora que Mary, após pensar sobre a experiência de sentir uma fragrância e a sua boa sensação de desejabilidade, tenha um insight racional e estipula, em seu imaginário, o quanto ela poderia contribuir para a pesquisa e a expansão de seus conhecimentos que foram adquiridos durante os anos frequentando o laboratório e fazendo parte das pesquisas. Esse sentido do conhecimento em expansão é reforçado pelo que Bannon, (2016) descreve sobre a intensificação das experiências à medida que os fenômenos se tornam numerosos e irrompem em superabundância. Durante o longo processo de aquisição do conteúdo perceptivo, o processo de ampliação formam espaços e nichos que servem de nova estruturas para outras experiências.

Seguindo a mesma direção, ainda existe um outro tipo de relação de intensificação que poderia “forçar” novas relações fenomenais, semelhante ao que (Sokolowski, 2000) descreve como a intencionalidade da “coisa ausente”. Uma intenção que pretende preencher um conceito ou uma imagem que falta. Como um estado de procurar por algo ainda não encontrado e que precisa de uma série de passos intermediários e necessários até que finalmente o próprio objeto seja alcançado. Essa relação pode ocorrer devido a certos tipos de coisas ausentes ser consideradas realizáveis no futuro, por estar além da nossa compreensão no momento presente.

A aproximação da coisa ausente em Mary vai se tornando compreensível quando ela vai remontando situação que se encaixam na sua presença de experiência. Como ao imaginar sua própria fragrância em um perfume e ajudar no desenvolvimento do designer das cores, imagens, layout da embalagem e divulgação. Muitos desses insights racionalizados vem da fusão perceptiva e imaginativa dos registros constituídos que recebem relevância através das qualias experienciadas, como desejo e admiração, presenciadas durante todo o tempo de sua experiência com a cor vermelha e sua rede de relações causais.

Além disso, Mary também lida com sinais perceptivos que estimula sua ação e criação

que podem conduzir mudanças na estrutura do pensamento na sua interação com os conteúdos experienciados. Esse fato se ajusta ao que Lyotard (1991) aponta como “episódico”. Na formação de um novo conceito fenomenal da experiência o sentido de episódico pode estar presente e carregar consigo multiplicidades e variações da sua existência na realidade. Um sentido de transição em constante transformação que observa a necessidade de ligar, fazer conexões e perceber suas variações e outras formas.

Se Mary empregar seu plano de criar e desenvolver sua marca de perfume, seu designer com todas as características que se liga as suas experiências sedutoras, de admiração, desejo, sofisticação e atração, ela forma acesso a um tipo de conhecimento que abrange o sentido “episódico” que pode ser conduzido para a própria empregabilidade do fenômeno em expansão. Um conhecimento a posteriori que mantém uma relação adjacente aos vínculos causais no direcionamento com a experiência e os outros fenômenos que a compõe.

O novo conceito fenomenal em sua experiência atravessa a distância que era mantida no seu arquivo perceptual durante a unificação fenomenológica até a sua relação com a essência obtida nas experiências reais. Por meio disso, Mary seria capaz de perceber uma maior coesão físico fenomenológica que só podem ser conhecidas através das experiências de sua performance ao ser realizada (Merleau-Ponty, 2013).

Assim, Mary tem acesso as tensões que envolve os fenômenos de unificação e a sua análise conceitual a priori no enfrentamento com a própria experiência e vínculos causais que também compõe os fenômenos envolvidos na experiência. Além disso, reestabelece uma conexão de avaliação com as qualias das experiências passadas em sua nova estrutura fenomenológica. Todo esse processo do conhecimento e sua empregabilidade na busca por uma maior coerência físico fenomenal observado no caso da Mary, estabelece o sentido fundamental do que o estudo da fenomenologia tenta fazer: “ir ao que é realmente experimentado pelo indivíduo que julga” (Lyotard,1991).

Esse sentido também mantém conformidade com os objetivos da fenomenologia que é indicado em Detmer (2013) que busca estabelecer uma fidelidade descritiva com uma maior precisão

do que é dado na experiência dentro dos limites de como é presenciado, integrando as estruturas fundamentais da experiência consciente.

Em Gallagher (2020), descreve a o estudo da fenomenologia na percepção não como um fenômeno exclusivamente subjetivo, mas como todo esse processo é vivido por um observador que está no mundo, e que também é um agente corporificado com motivações e propósitos.

Em última análise, observamos que todo o processo de unificação e a sua empregabilidade não se refere exclusivamente às experiências fenomenais, mas também as caracteriza em termos de como é tê-las em uma rede de vínculos causais que as tornam mais coesas físicas e fenomenologicamente, conservando os aspectos mais centrais do seu significado fenomenal que compreende o “como é” de um episódio consciente (Nagel 1974; O’Callaghan, 2019).

Conclusão

O atual trabalho descreve a possibilidade das leis de unificação fenomenológica atuarem na formação de um novo conceito utilizando uma variedade de fenômenos adquiridos nas experiências durante um longo período de tempo e registrados em um arquivo perceptual de baixo nível e de nível superior. Os processos que envolvem as leis de unificação fenomenológica ocorreria por meio de um sentido de referência que utilizaria o conteúdo da ligação de propriedade, vínculos causais e conhecimentos substanciais.

Indicamos a possibilidade dessa relevância ser conduzida por uma rede de sensações experienciadas ou qualias integradas ao contexto das experiências relacionadas, favorecendo a formação do novo significado fenomenal. Porém, o conhecimento a posteriori da sua coesão físico-fenomenal é marcado pela diferença entre a inspeção e sua aplicação do conceito fenomenológico na relação com outros conceitos na experiência. Assim, a empregabilidade do novo conceito é uma parte essencial para incorporar o conhecimento fenomenológico que compreende uma efetiva e funcional coesão nas relações que mantém nas redes de vínculos causais e seu resultado na experiência da

realidade, possibilitando formar novas estruturas para expansão de novos conceitos fenomenais.

Referencias

Gallagher, Shaun, and Dan Zahavi. *The phenomenological mind*. Routledge, 2020.

Sokolowski, Robert. *Introduction to phenomenology*. Cambridge university press, 2000.

Perry, John. *Knowledge, possibility, and consciousness*. mit Press, 2001.

Yetter-Chappell, H. (2018). *Idealism Without God*. In *Idealism: New Essays in Metaphysics* (pp.66–81). Oxford University Press.

Balog, Katalin “Acquaintance and the mind-body problem.” *The Mental, the Physical*. Eds. Hill & Gozzano. (Cambridge UP 2012a)

Yetter-Chappell, Helen. “Get Acquainted With Naïve Idealism.” *The Roles of Representation in Visual Perception*. Cham: Springer International Publishing, 2024. 263-274.

Noë, A. (2001). *Experience and the Active Mind*. *Synthese*, 129(1), 41–60.

Perry, John. *Knowledge, Possibility, and Consciousness*. (MIT UP 2001)

Yetter-Chappell, Helen. “Dissolving type-B physicalism.” *Philosophical Perspectives* 31 (2017): 469-498.

Carruthers, P. (1996). *Language, Thoughts and Consciousness. An Essay in Philosophical Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Rosenthal, D.M. (1986). *Two concepts of consciousness*. *Philosophical Studies* 94/3, 329–359

Lycan, W.G. (1987). *Consciousness*. Cambridge, MA: MIT Press

Jackson, F. (1982). *Epiphenomenal qualia*. *Philosophical Quarterly*, 32(127), 127–136.

Yetter-Chappell, H. (2019). Idealization and problem intuitions: Why no possible agent is indisputably ideal. *Journal of Consciousness Studies*, 26, 270–279.

Aricı, M. & Toy, P. (2015). The Ontology and Developmental Root of the FirstPerson Perspective. *GSTF Journal of General Philosophy*, 1 (2), 1-6

Lewis, D. (1995) ‘Should a Materialist Believe in Qualia?’, *Australasian Journal of Philosophy* 73 (1): 140-44

O’Callaghan, Casey. *A multisensory philosophy of perception*. Oxford University Press, 2019.

Lyotard, Jean-François. *Phenomenology*. SUNY press, 1991.

Cimino, Antonio, and Cees Leijenhorst, eds. *Phenomenology and experience: New perspectives*. Vol. 18. Brill, 2018.

Merleau-Ponty, Maurice, et al. *Phenomenology of perception*. Routledge, 2013.

Bannon, Bryan, ed. *Nature and experience: Phenomenology and the environment*. Rowman & Littlefield, 2016.

Donohoe, Janet. 2014. *Remembering Places*. Lanham, MD: Lexington.

Detmer, David. *Phenomenology explained: From experience to insight*. Vol. 9. Open Court, 2013.

Husserl, Edmund. (1950). *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, ed. Stephan Strasser. *Husserliana I*. The Hague: Martinus Nijhoff. Trans. in part by P. Koestenbaum as *The Paris Lectures*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1964; and in part by D. Cairns as *Cartesian Meditations: An Introduction to Phenomenology*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1999.

———. 1983. *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and a Phenomenological Philosophy*. Translated by F. Kersten. First Book. The Hague: Martinus Nijhoff.